Crianças-Soldados

Dr. P. W. Singer

É imoral adultos fazerem crianças entrar em combate por eles...Simplesmente não há desculpa, nem um argumento aceitável para prover crianças com armas.

— Arcebispo Desmond Tutu[1]

NÃO HÁ DESCULPA moral pelo fato de enviar crianças para a guerra, mas a triste realidade é que essa prática é comum na guerra moderna. Mais ou menos 300.000 crianças, com menos de 18 anos (meninos e meninas), são agora combatentes, lutando em aproximadamente 75% dos conflitos do mundo.[2]

Entre as violações dos direitos humanos cometidas pelo ditador Saddam Hussein estava sua política de recrutar crianças para as Forças Armadas do Iraque, uma violação clara da lei internacional e das normas morais.[3] Tropas americanas e aliadas já tiveram de enfrentar crianças-soldados nas lutas em Karbala e Nasariyah.[4]

Desde os meados da década de 1990, milhares de meninos iraquianos participaram de campos de férias de estilo militar. Durante três semanas, meninos de apenas 10 anos, participavam de exercícios de ordem unida, aprendiam a usar pequenas armas e recebiam altas doses de doutrinação sobre a política *Ba'ath*. Os campos recebiam nomes dos eventos atuais mais conhecidos para auxiliar a galvanizar o recrutamento e acrescentar um efeito político. Por exemplo, a série de campos de férias de verão de 2001 foi chamada de *Al Aqsa Intifada* para ligá-la ao simbolismo da insurreição palestina que teve início naquele ano.[5] A partir de 1998, os militares conduziram uma série de programas de treinamento e preparação militar voltada para toda a população iraquiana, inclusive meninos com apenas 15 anos. As sessões de preparação eram de 2 horas diárias durante um período de 40 dias, com treinamentos de ordem unida e do uso de pequenas armas.

As razões do regime *Ba'ath* para o treinamento e recrutamento de crianças eram múltiplas. Um método comum empregado pelos regimes totalitários para não perder o controle é militarizar a sociedade e mantê-la em constante pé de guerra. Tais ações permitem a existência de uma hierarquia controladora e ajudam a desviar as tensões internas para os inimigos externos. O regime de Hussein não era uma exceção. Dos 22 milhões de cidadãos, aproximadamente a metade da população iraquiana (11 milhões) tem menos de 18 anos de idade. Essa significativa massa juvenil, se não fosse organizada, representava um grande grupo de forças em potencial e uma ameaça para a obtenção dos objetivos do regime. Ainda mais importante, recrutar, treinar e doutrinar crianças oferecia uma melhor oportunidade para a aceitação do regime pela sociedade.

Além de aumentar os programas de treinamento, o regime iraquiano organizou várias unidades de crianças-soldados. A primeira parecia ser parte do movimento *Futuwah* (Vanguarda Jovem), uma iniciativa do partido *Ba'ath*, formado no final dos anos 70 com o objetivo de criar uma organização paramilitar entre crianças do segundo grau. Neste programa dirigido pelo governo, crianças a partir de 12 anos eram organizadas em unidades e recebiam treinamento militar e doutrinação política. Unidades pertencentes a esta força foram desdobradas durante a guerra contra o Irã entre 1983 e 1985, quando o Iraque começava a perder.[6]

O *Ashbal Saddam* (os Leõezinhos de Saddam), uma organização mais recente, foi formada em 1991 após a derrota do Iraque na Guerra do Golfo Pérsico, quando o regime começou a perder um pouco do seu poder.[7] Meninos, entre 10 e 15 anos, que haviam participado de campos de treinamento militar e que haviam aprendido a usar pequenas armas e táticas de infantaria, formavam o *Ashbal Saddam.* Esses campos tinham uma reputação de treinamento militar e doutrinação política muito intensa, de até 14 horas por dia. Também eram empregadas severas técnicas de treinamento, como espancamento e atos de crueldade contra os animais, cuja meta era dessensibilizar a juventude para a violência. O número exato de meninos no grupo *Ashbal Saddam* é desconhecido, mas calcula-se

que havia 8.000 membros apenas em Bagdá.

O programa *Ashbal Saddam* preparava indivíduos para o grupo paramilitar *Fedayeen Saddam* (Homens de Sacrifício de Saddam).[8] Os *Fedayeen* recentemente apareceram na frente de combate no Sul do Iraque, onde seu inesperado nível de resistência e disposição para violar os códigos de guerra (por exemplo, rendições falsas e o uso de civis como escudos) complicaram o progresso inicial das forças americanas e sua capacidade de proteger os eixos de suprimento. Originalmente, o grupo *Fedayeen Saddam* foi formado para oferecer um nível adicional de proteção e segurança ao regime e como um órgão para intimidar o povo em geral. Os *Fedayeen* informavam diretamente ao palácio presidencial, ao invés do Exército ou à Guarda Republicana. Seus membros eram especialmente recrutados de regiões e tribos consideradas as mais leais à família Hussein. Existem boatos que, dentre os *Fedayeen*, existia uma unidade especial conhecida como Esquadrão da Morte, que executava os suspeitos de se oporem ao regime, freqüentemente dentro da própria casa das vítimas.[9]

O regime de Hussein não era o único no Iraque que usava crianças-soldados. Essas eram também encontradas nas várias forças de oposição. Por exemplo, aproximadamente 3.000 crianças serviam entre os Curdos.[10] Chegaram até organizar um batalhão de crianças chamado de *Tabura Zaroken Sehit Agit*

Os Jovens de Hitler/Leõezinhos de Saddam

O melhor paralelo histórico para o uso das crianças-soldados são os Jovens de Hitler (*Hitler Jugend*) durante a II Guerra Mundial. A condição dos *Ashbal Saddam* e dos *Fedayeen* era semelhante a do *Jugend*, usados para inculcar lealdade política e atuar como um fornecedor de combatentes para as forças de segurança do regime e unidades como as *SS*. Em 1945, quando as forças aliadas entraram na Alemanha, o regime de Hitler ficou desesperado, passando a empregar o referido grupo em combate. Os *Jugend* estavam organizados em pequenas unidades, desdobrados para desorganizar e retardar o avanço das forças aliadas e para ser a base nas guerrilhas de longa duração.[11]

Da mesma forma, a preocupação com o grupo *Ashbal Saddam* e outros grupos de jovens iraquianos armados surge quando passam da fase de recrutamento para a de desdobramento. As situações mais prováveis de serem encontrados são quando as tropas americanas entram nas cidades iraquianas. As primeiras indicações dessa estratégia ocorreram nas semanas iniciais de combate no Sul. Porém, as forças dos EUA e as aliadas devem permanecer alertas quanto à probabilidade de crianças executarem ataques terroristas contra as instalações na retaguarda, especialmente nos territórios recentemente ocupados.

Dado os altos níveis de doutrinação política que as crianças-soldados recebem, o fluxo da guerra e a dissolução da resistência do Exército regular iraquiano talvez não tenham ligação com as ações de indivíduos ou das unidades de crianças-soldados. Se a história confirmar a verdade, os mais prováveis incidentes ocorrerão nas etapas finais da guerra, talvez mesmo quando a guerra pareça ter terminado. Os incidentes talvez se estendam ao período de ocupação, fazendo que o processo de levantamento dos integrantes do movimento *Ashbal Saddam* seja parte essencial do processo de eliminação do regime *Ba'athist.*

Devido à enorme vantagem das forças americanas, as crianças-soldados iraquianas não alterarão a conclusão final estratégica. Entretanto, experiências ao redor do mundo demonstram que as crianças são combatentes eficazes e, com freqüência, operam com uma audácia assustadora, em particular quando estão cheios de fervor religioso ou político ou sob a influência de narcóticos. E, no campo de batalha, acrescentam maior confusão ao combate. Tais unidades podem retardar o progresso das forças americanas, principalmente nas áreas urbanas, causando, desnecessariamente, mais baixas em ambos os lados.

Para as forças profissionais, as crianças-soldados apresentam um dilema essencial, talvez mais complicado ainda que o assunto de baixas civis. Tradicionalmente, as crianças são analisadas fora do contexto da guerra. No entanto, agora se converteram em potenciais ameaças para as vidas e missões dos soldados. Seu uso como soldados apresenta duas preocupações adicionais. Em primeiro lugar, as crianças não são vistas como inimigos odiados. Os soldados americanos normalmente exibem uma grande empatia pelas crianças em países que estão sendo avassalados pela guerra. Conseqüentemente, os enfrentamentos com crianças-soldados podem ser incrivelmente desmoralizantes para as tropas profissionais e podem, além disso, afetar a coesão da unidade. O dilema ou a controvérsia, por exemplo, sobre as ações aliadas empreendidas contra o movimento *Hitler Jugend* em 1945 foi pequeno. Os jovens estavam combatendo para defender um regime absolutamente cruel, e a crença geral entre os aliados era que o regime de Hitler devia ser totalmente derrotado. Contudo, a experiência de combater contra o *Jugend* foi tão desconcertante para as FA americanas que o moral caiu a um dos pontos mais baixos da guerra.[12] O mesmo aconteceu com as forças britânicas na África Ocidental em 2001. Houve graves problemas de depressão clínica e estresse pós-traumático entre os soldados que haviam enfrentado as crianças-soldados.[13]

Uma segunda consideração é o pesadelo de comunicação pública que rodeia o uso de crianças-soldados. Nas informações sobre os engajamentos iniciais com crianças-soldados, tanto a imprensa árabe como a internacional enfocou sua reportagem nos soldados americanos disparando contra as crianças iraquianas, ao invés de focalizar no contexto que forçou as tropas americanas a realizar esse terrível ato. As crianças foram retratadas

como vítimas heróicas defendendo seus lares, enfrentando o Golias americano. A imagem, obviamente, compromete os esforços norte-americanos para demonstrar a retidão de uma causa ou o cuidado especial que as forças americanas ou aliadas aplicam para proteger os inocentes. As possíveis repercussões poderiam afetar o apoio, já tênue, dos aliados regionais e levar outros a não prestar auxílio aos EUA na maior guerra contra o terrorismo. A repercussão ainda poderia aumentar o apoio popular e o recrutamento de grupos terroristas, como a Al-Qaeda, que poderiam justificar suas ações como uma vingança pelos jovens. Finalmente, o efeito causado pelas fotografias dos pequenos corpos poderia converter-se em uma poderosa arma para o criticismo do congresso e para aqueles que se opõem à guerra.[14] Esses pontos enfatizam a assertiva de que a força militar somente deve ser empregada onde e quando os objetivos podem ser justificados.

Sugestões da Política

No Iraque e em outros lugares onde há tropas desdobradas para combater o terrorismo, os soldados norte-americanos enfrentam sérias e reais ameaças por parte de oponentes que, em geral, eles mesmos não querem ferir. Crianças-soldados, em conjunto com a simplicidade e a letalidade cada vez maior das pequenas armas modernas, podem representar uma grande ameaça militar. Para evitar qualquer confusão, regras de engajamento devem ser estabelecidas para tratar com crianças-soldados. Para evitar o choque referente à natureza e às táticas do adversário (como supostamente aconteceu com os *Fadayeen*) e para manter a capacidade de reação rápida, os brífins de inteligência apresentados pelas forças americanas devem preparar os soldados para a possibilidade de combater contra crianças-soldados. A menor hesitação pode causar a morte de um soldado americano.

Como exemplo da possibilidade de grande dano, em 2002, as forças britânicas operando na África Ocidental, não estavam preparadas para enfrentar tais situações. Certa ocasião, uma patrulha inteira foi capturada devido à falta do estabelecimento de regras de engajamento por seu comandante e à falta de vontade de disparar contra "crianças armadas com fuzis *AK*"[15] Apesar da sua objeção moral, as escolhas táticas do comandante ameaçaram sua inteira missão e poderiam ter causado mais mortes. (Sua patrulha foi posteriormente resgatada por uma operação das *SAS* — Forças Especiais Britânicas — causando a morte de mais de 100 crianças-soldados e de um soldado britânico).

A verdade é que uma bala disparada de uma pistola carregada por um menino de 14 anos pode matar tão eficazmente como se fosse disparada da arma de um homem de 40 anos. Da mesma forma, uma bomba é uma bomba, não importa a idade do portador. O terrorista mais jovem que se tem conhecimento, foi um menino de 9 anos que levou uma bomba para um local eleitoral na Colômbia em 1997. Quando as Forças americanas se desdobram em uma área onde, supostamente, existem crianças-soldados, devem ser mais cautelosas e procurar manter o oponente a uma distância maior.

Nem todas as crianças são ameaças e certamente não deveriam ser tratadas como alvos que devem ser destruídos, mas as medidas de proteção da força devem incluir a possibilidade ou probabilidade de crianças-soldados e crianças terroristas. As forças americanas devem mudar o costume de permitir que crianças brinquem livremente com os soldados nos pontos de controle. As crianças devem ser submetidas aos mesmos processos de inspeção que os adultos.

Quando as Forças americanas enfrentam crianças-soldados, o melhor método parece ser mantê-las a certa distância, disparando inicialmente para alertar e possivelmente dispersar suas unidades, as quais, com freqüência, não são forças de combate coesas. De certa forma, isto é uma aplicação em micro-nível da guerra baseadas em efeitos, porém sem a dependência subjugante da alta tecnologia. Fogos de artilharia demonstrativos (inclusive fumaça) e vôos e fogos de helicópteros armados comprovaram ser eficazes para criar o choque necessário e dispersar as forças de crianças-soldados.[16] Quando forçadas a um engajamento aproximado, as forças deverão primeiramente eliminar qualquer líder adulto uma vez o controle exercido por ele, em geral, é o centro de gravidade.

É importante considerar que a eliminação total do inimigo nestas situações pode, em realidade, ter repercussões negativas. Isto é, nas confrontações contra crianças-soldados, as Forças americanas se beneficiam mais quando não causam danos letais. Portanto, as Forças dos EUA deveriam explorar, sempre que possível, as opções de emprego de armas não letais, que podem ser mais eficazes e humanas para tratar com crianças-soldados que os meios mais tradicionais. Certamente, o método acima citado evitaria o desgaste com a comunicação social, além de ajudar a solidificar o apoio político e público das operações em curso e os esforços a longo prazo.

As operações psicológicas (Op Psico) deveriam continuar sendo integradas aos esforços gerais contra a resistência iraquiana. Inclusive, deveriam ser especialmente planejadas para o emprego contra as unidades de crianças-soldados. Seu objetivo deveria ser convencer as crianças-soldados a deixar o combate e abandonar suas unidades, começando o processo de reabilitação e reintegração na sociedade. Deveriam ser realizados esforços para dissuadir os líderes adultos de usar crianças, lembrando-lhes que, da mesma forma que empregar armas de destruição de massa, empregar crianças para combater numa guerra é um crime de sérias conseqüências.

Além disso, as operações psicológicas deveriam procurar cortar pela raiz qualquer apoio à essa doutrina dentro da

sociedade iraquiana, ao citar o grande prejuízo que pode ser causado à geração seguinte em nome de uma causa perdida.

O inimigo que emprega crianças-soldados não deve ser derrotado apenas no campo de batalha. As forças armadas devem ainda implementar medidas para rapidamente acolher as crianças que fogem dessas condições, bem como os prisioneiros de guerra. Dessa forma, desfaz-se qualquer mito quanto à atuação americana e incentiva-se mais crianças-soldados a abandonar as forças de oposição. Assim que os soldados tiverem certeza que a criança não representa uma ameaça, deverão prover imediatamente qualquer necessidade que ela tenha, como alimento, roupas ou abrigo. Até então, a criança-soldado dependeu do seu grupo armado para satisfazer suas necessidades básicas, portanto, as Forças americanas devem preencher este vácuo. Para quebrar o sistema de controle que os forçou à guerra, as crianças devem ser mantidas separadas dos prisioneiros de guerra adultos. Assim que for possível, os soldados devem entregar a criança às organizações de saúde ou às não governamentais.

As Forças dos EUA devem, além disso, preocupar-se com a saúde de seu próprio pessoal, ao cuidar das seqüelas resultantes dos engajamentos com crianças-soldados. Certas unidades ou indivíduos talvez requeiram um tratamento especial pós-conflito, semelhante aos programas oferecidos pelas organizações policiais às vítimas de tiroteio. Caso contrário, a necessidade de matar crianças pode, no final das contas, abalar a coesão da unidade e a eficácia do combate.

As imagens apresentadas pela imprensa podem esmorecer o apoio nacional ou internacional. Este aspecto da guerra de informação, se não for bem conduzido, pode ser facilmente perdido. Os oficiais de comunicação social devem estar preparados para as repercussões de tais engajamentos. Ao explicar os acontecimentos que culminaram com a morte de crianças, os referidos oficiais devem dar ênfase às situações sob as quais ocorreram os eventos e a importância geral da missão. Os oficiais de comunicação social devem informar ao público que tudo está sendo feito para evitar que as crianças-soldados se convertam em baixas militares. Ao mesmo tempo o público deve compreender que as crianças-soldados armadas com *AK-47* são tão letais como os adultos. Enquanto isso, os oficiais de comunicação social devem tomar a iniciativa e por a culpa nos verdadeiros culpados, um regime que, ilegal e desonradamente, obriga as crianças a se converterem em guerreiros.

Em um nível mais amplo, o governo dos EUA e seus aliados devem educar o público e a comunidade internacional sobre este problema, enfatizando como o regime de Hussein criou intencionalmente este sistema sabendo que causaria a morte de jovens. Isto proporciona um novo ponto de partida para trabalhar contra esta prática generalizada em um foro internacional para que no futuro as forças norte-americanas não tenham de se preocupar em enfrentar crianças-soldados.***MR***

Referências

1. Comentários do Arcebispo Desmond Tutu à Unidade de Crianças e Conflitos Armados, um projeto conjunto do Centro Legal da Criança e o Centro de Direitos Humanos da Universidade de Essex em 1999. Ver; *The Coalition to Stop the Use of Child Soldiers*, na Internet, endereço: www.essex.ac.uk/armedcon/themes/child_soldiers/default.htm. Tutu recebeu o Premio Nobel da Paz em 1984.
2. P.W. Singer, "Caution! Children At War," *Parameters* (Winter de 2001): pp. 40-56.
3. O Direito Internacional define a criança-soldado como qualquer criança menor de 18 anos que é recrutada numa organização armada e/ou envolvido na violência política.
4. Matthew Cox, "War Even Uglier When a Child is the Enemy, jornal *USA Today*, 8 de abril de 2003; "Report: Marines Wounded in Fighting Late Wednesday in Iraq," Associated Press 27 de março de 2003.
5. Coalisão para Impedir o uso de Crianças-Soldados, *Child Soldiers 1379 Report* (2002): pp. 50-51.
6. Rädda Barnen, *Save the Children*, Suécia. Base de dados de Guerra de Crianças, Investigador Principal: Henric Häggström, no endereço www.rb.se:8082/www/childwar.nsf/HTML/Forsta?openDocument.
7. Coalizão para Impedir.., 2002; Departamento de Estado dos EUA, "Iraq-State Department Report on 2000" (2001); Saddam 'Cubs' Start Military Training," Agencia France Presse, 22 de junho de 2002.
8. *Ibíd.*
9. "Saddam's Martyrs," no site eletrônico GlobalSecurity.org>, 12 de setembro de 2002; Sean Boyne, "Inside Saddam's Security Network," Revista *Jane's Intelligence Review*, 9 de julho de 1997.
10. Coalizão para Impedir, 2002.
11. Guido Knopp, Hitler's Kinder (Munique: C. Bertelsmann, 2000); Philip Baker, *Youth Led by Youth* (Londres: Vilmor Publications, 1989).
12. Ver Stephen Ambrose, *Citizen Soldiers: The U.S. Army from the Normandy Beaches to the Bulge to the Surrender of Germany*, 7 de junho, 1944 - 7 de maio, 1945 (Nova York: Simon & Schuster, 1997), capítulo 19.
13. Entrevistas do Autor, 2002.
14. Martin Indyk e Kenneth Pollack, "Lesson from a Future War with Iraq," Instituto Brookings Iraq Memo 4 (2 de novembro de 2002). O memorando informou que a simulação de jogo de guerra seria sobre uma potencial invasão do Iraque. O jogo de guerra foi executado entre os antigos líderes políticos e militares de maior hierarquia. Uma das importantes lições aprendidas consistiu na interação entre a exigência política e o julgamento militar na determinação do melhor ritmo das operações ofensivas.
15. Major Alan Marshall, no seu relatório, citado no Al Venter, "Sierra Leone: A Dis-reputable Debacle," revista *Soldier of Fortune* (janeiro de 2001). Ver ainda Marie Colvin e James Clark, "How the Hi-Tech Army Fell Back on Law of the Jungle and Won," no jornal *The Sunday Times*, 17 de setembro de 2000.
16. Centro de Ameaças e Oportunidades Emergentes, "Child Soldiers: The Implications for U.S. Forces," Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA. Relatório do Seminário do Laboratório de Guerra (novembro de 2002).

O Dr. Peter Warren Singer é bolsista Olin no Centro de Estudos Políticos Estrangeiros e Coordenador do Projeto Brookings sobre a Política Norte-Americana em relação ao Mundo Islâmico. Escreveu dois livros: Corporate Warriors: The Rise of the Privatized Military Industry *onde estuda o crescimento da indústria militar privada e* Caution: Children at War, *onde analisa o fenômeno da criança-soldado. O Dr. Singer já desempenhou funções no Gabinete do Secretário de Defesa da Força-Tarefa Bálcãs e foi assessor do Laboratório de Combate do Corpo de Fuzileiros Navais estudando o fenômeno da criança-soldado.*